

# RALED

VOL. 22(2) 2022



ARTÍCULO

## Uma transclasse: Chanel

*A “transclass” woman: Chanel*

---

**IDA LUCIA MACHADO**

POSLIN/FALE/UFMG  
PESQUISADORA 1D -CNPQ  
Brasil

Recebido: 1 de março de 2021 | Aceito: 5 de setembro de 2022

DOI: 10.35956/v.22.n2.2022.p.5-22

## RESUMO

Nosso artigo tem dois objetivos: o primeiro é o desejo que temos de mostrar como as mulheres nadam contra a corrente nas águas dos preconceitos e normas que buscam inferiorizá-las, normas estas geralmente concebidas por homens. O segundo é mostrar que a análise do discurso é propícia para abordar narrativas de vida. Tomaremos como objeto de pesquisa relatos de vida de uma mulher que se revoltou contra determinismos sociais e graças ao seu trabalho manual conseguiu vencer na vida: trata-se de Coco Chanel, uma “transclasse”. Como metodologia de trabalho amparamo-nos de conceitos vindos de uma análise do discurso interdisciplinar, a semiolinguística de Charaudeau (1983, 1992, 2007). Recorremos também a conceitos de Cyrulnik (2002), Jaquet (2015) e Machado (2020, 2022). Teceremos um breve relato baseado em depoimentos da vida de Chanel e interpretaremos alguns de seus enunciados, testemunhos escritos de suas emoções e de sua resiliência.

**PALAVRAS CHAVE:** *Narrativa de vida. Transclasse. Análise do Discurso.*

## RESUMEN

Nuestro artículo tiene dos objetivos: el primero es el deseo que tenemos de mostrar cómo las mujeres nadan a contracorriente en las aguas de los prejuicios y de las normas que pretenden rebajarlas, normas éstas que generalmente son concebidas por los hombres. El segundo es mostrar que el análisis del discurso es propicio para abordar las narrativas de vida. Tomaremos como objeto de investigación las historias de vida de una mujer que se rebeló contra los determinismos sociales y, gracias a su trabajo manual, logró triunfar en la vida: Coco Chanel, una “transclase”. Como metodología de trabajo, nos apoyamos en conceptos provenientes de la semiolingüística de Charaudeau (1983, 1992, 2007). También hemos recorrido a conceptos de Cyrulnik (2002, 2005), Jaquet (2015) y Machado (2020). Tejeremos un relato basado en la vida de Chanel e interpretaremos algunos de sus enunciados, testimonios escritos de sus emociones y de su resiliencia.

**PALABRAS CLAVE:** *Narrativa de vida. Transclase. Análisis del Discurso.*

## ABSTRACT

This study has two objectives: 1) to demonstrate how women swim against the current in the waters of prejudices and norms that seek to make them inferior, norms that are usually defined by men. 2) To demonstrate that discourse analysis can be used to approach life narratives. We investigate the life stories of a woman who rebelled against social determinisms and, thanks to her manual work, managed to win in life: Coco Chanel, a “transclass” woman. The working methodology relied on concepts from an interdisciplinary discourse analysis Charaudeau’s semiolinguistics. We also adopted some concepts from Cyrulnik (2002), Jaquet (2015) and Machado (2020, 2022). We

present a brief overview based on testimonies of Chanel's life and we interpret some of her statements, written testimonies of her emotions and resilience.

**KEYWORDS:** *Life narrative. Transclass. Discourse analysis.*

## Introdução

O artigo aqui apresentado foi criado – como vários escritos por nós realizados há cerca de 30 anos – graças à liberdade de interpretação concedida pela análise do discurso em geral e pela Teoria Semiociológica do linguista francês Patrick Charaudeau, em particular. Essa teoria apresenta conceitos fáceis de serem apreendidos e aplicados. Porém engana-se quem pensa que seu campo de ação é limitado: ela está sempre em evolução, mostrando-se aberta para a inclusão de conceitos vindos de outros horizontes que os das ciências da linguagem propriamente ditos. Isso nos permite utilizá-la em *corpora* diversos.

Muito foi escrito sobre a Semiociologia e discursos diversos passaram pelo crivo de sua abordagem crítica, resultando em vários artigos, teses, livros etc. Logo, não é nossa intenção voltar a explicar minuciosamente como funcionam suas engrenagens e seu modo operatório, pois, isso já foi realizado por membros de nosso grupo do Núcleo de AD da Universidade Federal de Minas Gerais entre outros<sup>1</sup>.

Dentro de sua vasta produção no campo da análise do discurso, o linguista Patrick Charaudeau criou e divulgou em seus dois primeiros livros (1983, 1992) outras possibilidades para se analisar discursos, ou seja, essa nova corrente de análise do discurso, diferenciada dos demais, por ele mesmo denominada uma “teoria antropofágica”<sup>2</sup> ao revelar que a Semiociologia além de ser uma teoria que prima pela comunicação de diferentes sujeitos participantes de um ato de linguagem é uma teoria sempre em movimento, destinada não só ao exame das materialidades discursivas usuais na época, mas também das que fossem surgindo, isso por seu caráter assimilador de outras culturas que não a deixa se estagnar, mas, ao contrário, a mantém sempre aberta à inclusão de novos conceitos vindos de outras teorias pertencentes a outras disciplinas. A própria Semiociologia foi assim formada ao reunir em si conceitos vindos da comunicação, da etnografia, da psicologia social que se uniram harmoniosamente à uma base linguística-discursiva.

Ousando seguir tal caminho, procuramos recentemente incorporar à Semiociologia novos conceitos, tais como aqueles vindos de teóricos que se ocupam com narrativas de vida e com o difícil trabalho de lidar com memórias, teóricos estes ligados às disciplinas médicas e a uma prática sociológica clínica.

Citemos rapidamente três conceitos desta teoria que nos são caros: o dos sujeitos comunicativos linguageiros, o dos modos de organização discurso e o dos imaginários sócioidiscursivos, escolhidos entre o vasto instrumental que a Semiociologia nos oferece.

Explicaremos a seguir como se deu nosso encontro com as narrativas de vida para depois fornecer algumas explicações sobre o termo e conceito “transclasse”. Finalmente apresentaremos a narrativa de vida de Chanel, tomando por base o que seus amigos e biógrafos nos contam. Ao

---

1 Para quem se interessar em percorrer com mais detalhes os meandros da teoria, inserimos alguns títulos em nossas Referências, nas quais colocamos artigos e livros escritos por Charaudeau, bem como por outros analistas do discurso que o tomaram como base teórica.

2 Em conferência pronunciada no 1º. congresso Internacional de AD, organizado por nós e por colegas da análise do discurso da UFMG, em 1998.

mesmo tempo iremos destacando alguns de seus ditos para tentar melhor entender essa curiosa personalidade feminina que foi, alternadamente, frágil ou forte. Iremos também destacar alguns de seus sentimentos e sonhos.

Cabe-nos ainda enfatizar que tal trabalho só foi possível graças às bolsas que nos foram concedidas pelo CNPq<sup>3</sup>, sobretudo as três últimas decorrentes dos processos 3008854-2015, 301999/2018, já finalizados e 307596/2021 (em curso).

## 1. Encontros decisivos para uma pesquisadora em análise do discurso

Nessa seção, ainda que de forma breve, abordaremos duas mudanças ou inclusões de novos elementos em nossas pesquisas, elementos estes presentes no artigo: o primeiro refere-se à inclusão de uma nova materialidade discursiva nos estudos da análise do discurso, qual seja, a narrativa de vida (Machado 2015: 95-108); a segunda mostra a possibilidade de se incluir como narradores de trajetórias de vida diferentes sujeitos: os transclasses.

Começamos pela narrativa de vida. Eis as primeiras linhas por nós escritas para explicar a razão que nos levaram a defender a inclusão das narrativas de vida em um projeto dirigido ao CNPq:

Essa ideia nos surgiu há algum tempo, mais precisamente, em janeiro de 2008, quando lemos em uma revista francesa (Isa<sup>4</sup>, número 92, p. 128-131) uma reportagem que nos chamou a atenção e que tinha como título *Savez-vous conter?* (Você sabe contar histórias?). Foi através dela que tomamos conhecimento da existência de um livro intitulado *Storytelling* (2007) escrito por Christian Salmon, pesquisador francês do CNRS. O livro, que logo adquirimos, descreve com bastante perspicácia e não sem certo humor, a invasão de “uma nova ordem narrativa” que pode perturbar nossas “delicadas” mentes, se virar uma estratégia aplicada para fins persuasivos e políticos. (Machado 2015)

No âmbito da narrativa de vida como se pode ver, o que nos chamou a atenção em primeiro lugar foi o fato dela estar sendo desviada e aplicada em outros lugares que as tradicionais narrativas literárias ou contos orais, já que Salmon nos mostrou como políticos e famosos televisivos ou cinematográficos tinham aderido a moda de “se narrar” ou contar as histórias de suas respectivas vidas com o objetivo de influenciar, emocionar e conquistar a simpatia e admiração de seus respectivos públicos. Notamos aí a centelha de um elemento que poderia ser aplicado (como *corpus*) em pesquisas discursivas.

Para tanto buscamos maiores subsídios em vários pesquisadores ligados à análise do discurso tal como a que praticamos: Amossy (2006), Angenot (1980), Barros (2009), Boyer (1988) e, sobretudo, Bruner (2002) cujas ideias puderam reunir-se à base fornecida pela teoria Semiolinguística. Como afirma Charaudeau (1983: 7, trad. nossa) “toda teoria, assim como toda palavra se define

---

3 A quem endereçamos nossa gratidão.

4 Essa revista deixou de ser publicada alguns meses depois, não sabemos por qual razão.

pela relação que entretêm com outras teorias, com outras palavras.” Desse modo, associamo-nos ao linguista e afirmarmos como ele, que “há tantos percursos históricos quanto sujeitos teóricos” (*ib.*).

Insistimos em dizer que sempre privilegiamos nosso lugar como analista do discurso. Assim, procuramos adaptar alguns conceitos vindos de outras disciplinas à teoria Semiolinguística e agimos sempre dentro desse lugar por nós ocupado. Nesse sentido, cabe-nos dizer que a narrativa de vida ultrapassa as limitações genéricas textuais. Ela pode aparecer no relato de alguém que conta uma parte de sua infância a amigos; na fala de uma pessoa que relata um fato ocorrido no ônibus que a levou de um ponto da cidade a outro<sup>5</sup>. Outro caso de figura: quando um professor dá uma aula e sente que os alunos estão meio cansados, pode tentar explicar o assunto recorrendo a um fato de sua vida fora da sala da aula: agindo assim melhor ilustrará o que tenta explicar. Mais um exemplo: também fragmentada, a narrativa de vida pode aparecer no decorrer de uma entrevista, ou mesmo em uma mera troca comunicativa entre pares; além disso, ela é frequente em documentos ficcionais tais como livros, romances, contos etc. Em suma: nosso trabalho com esse tipo de narrativa sempre foi o de recolher fragmentos de atos comunicativos de X ou Y. Em nossas pesquisas preferimos privilegiar documentos escritos. Enfim, para melhor explicar nossa posição como analista de narrativas, transcrevemos abaixo alguns de nossos ditos anteriores:

[...] vemos a narrativa de vida como uma espécie de história singular cujo contexto pode ser buscado, conforme os diferentes narradores e seus relatos, nas lembranças nas quais podem aparecer doses variadas de desejos não-realizados, vozes imaginárias, objetos, pessoas e lugares cuja dimensão pode ter sido aumentada ou diminuída, como nas histórias de Alice, de Carroll. O narrador de si sabe quem ele é, mas às vezes, se sente como um outro [...] (Machado 2020: 47)

Assim, a narrativa de vida, tal como a concebemos, não deixa de incluir alguns acontecimentos que não correspondem exatamente à reconstituição das vidas passadas do sujeito-narrador; por vezes, este tenta amenizar a dureza de certos fatos vividos, podendo mesmo distorcê-los, conforme a posição que ocupa no tempo presente. De modo geral, lembranças são reclassificadas por aquele ou aquela que se lança na aventura de *se-contar*. A memória se fluidifica, pois, ela convive com a imaginação que é própria a cada *narrador-de-si*. É por isso que levamos também em conta os fatores emoção/imaginação, ao trabalhar com tal tipo de discurso. Por mais que se procure dissimular, as palavras traem seus enunciadores.

Aos poucos notamos que tais pesquisas podiam se reunir à problemática dos sujeitos transclasses que ousam se narrar. Ou seja, enlaçamos as narrativas de vida (de diferentes sujeitos) às de sujeitos que se tornaram transclasses. Essa nova ideia surgiu pela “descoberta” e leitura de um livro, escrito em 2014<sup>6</sup>, pela filósofa francesa Chantal Jaquet. Notamos então que ela utilizava o conceito de “transclasse” para se referir aos indivíduos que em vez de seguir por um caminho liso, direto, já traçado por seus pais ou pelas pessoas que os rodearam na infância, preferiram tomar um desvio acidentado e tortuoso. Melhor explicando: há pessoas que exercem determinadas profissões ou seguem

5 Aliás, nessas travessias, quantas narrativas de vida já não escutei, distraidamente, de estranhos contando em voz alta, relatos de vida um para o outro!

6 Lançado em segunda edição em 2015.

determinados caminhos de vida, mais por influência da *saga familiar* que por vontade própria. Sem mais tardar expliquemos tal sintagma: *saga familiar* corresponde a uma tradução e adaptação nossa do *roman familial* de Freud (Machado 2020: 76-95).

Porém, as pessoas que seguem por demais influências alheias, deixando seus gostos pessoais de lado (por razões diversas) após certo tempo, sentem que não se identificam ao caminho tomado. Aí procuram novas direções, abandonando sonhos que não eram os seus, mas sim a os de seus influenciadores mentais. Para se tornar um transclasse, o indivíduo realiza o que Jaquet (2015) chama de “uma passagem”: deixa de pertencer a uma classe ou a fazer parte de um grupo de pessoas para entrar, por seus próprios esforços em outra na qual sentir-se-á mais dono de seu destino, mesmo passando por tropeços e humilhações nessa travessia.

Em suma, certas pessoas procuram fugir de predestinações familiares tais como: como meu pai é lavrador, serei também lavrador ou minha mãe sempre foi dona de casa, esse será também meu destino.

A predestinação é um fator que já foi levantado e estudado por Bourdieu e Passeron em 1964 e em 1970. Resumindo bem suas afirmações: as chances ou as portas do destino de uma pessoa são abertas ou fechadas seguindo as determinações sociais e familiares que ela carrega consigo<sup>7</sup>.

Como explicar em que momento exato se dá a passagem de uma vida para outra na trajetória de um indivíduo? A conscientização de que a vida que está vivendo não é a que queria? Isso ocorre de modo diferenciado em cada pessoa: digamos que há todo um processo que funciona de modo desigual de uns para outros<sup>8</sup>.

Em nossa opinião, a famosa estilista Gabrielle (Coco) Chanel é um sujeito transclasse, ou seja, ela faz parte do grupo de pessoas que operam a difícil travessia de uma classe para outra, contrariando determinismos sociais. Isso porque ela fugiu ao destino que seria seu, se tivesse sido conformista e acomodada, ou seja: se aceitasse ser uma mulher de condição modesta, casada com alguém de sua classe – classe marginalizada, se pensarmos em seus pais e na sua família em geral –, se costurasse por alguns trocados para suas vizinhas do interior, também de condição modesta. Chanel forçou portas para ter uma vida melhor que essa. Uma vida com mais sentido que a de sua mãe que teve um péssimo marido e morreu por cansaço e privações, com apenas 33 anos, conforme nos contam alguns biógrafos e escritores interessados na vida de Gabrielle Chanel, entre eles Delay ([1971] 1983), Morand (1996), Gidel (2000) e Picardie (2011). Eles nos acompanham nessa empreitada ou mergulho nas águas turbulentas da vida de uma transclasse<sup>9</sup>.

---

7 Antes de Jaquet, o sociólogo francês Lahire (2001) havia sugerido o termo *transfuge*, traduzido em português por *trânsfuga de classe* para tais indivíduos. No entanto, preferimos adotar a terminologia transclasse criada por Jaquet. Ver as razões para tanto em Machado 2020: 101-127.

8 Para maiores detalhes desse processo de transformação íntima que leva à passagem ou mudança de classe ver Machado (2020) e Machado et al. (2022).

9 Cabe-nos esclarecer que parte da trajetória de vida de Chanel aqui relatada fez parte do 3º. capítulo do livro *Narrativas de vida – saga familiar e sujeitos transclasses*, por nós escrito (2020), fruto de aquisições e estudos adquiridos graças aos nossos estudos incentivados por projetos de pesquisa já citados na Introdução. Aqui retomamos parte da vida de Chanel, dando-lhe uma versão mais ampliada, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico.

É preciso lembrar que outras vozes também se fundiram às ideias que aqui apresentamos. Charaudeau (1983: 8, tradução nossa) resumiu em poucas palavras a tarefa de todas e todos que se empenham em lançar conceitos teóricos: “Será que tal atividade não nos condena [...] ao fato de que para produzir meu texto devo também me basear em textos outros e que só quanto o faço estou realizando meu próprio texto?” Tal posição (bem bakhtiniana) reflete também nossos sentimentos ao escrever o artigo. Por exemplo, Chanel foi feminista ao reagir contra o sistema machista opressor. Ora, tal ideia nos chegou à mente por meio de nossas vivências e leituras. Nesse sentido, muito do que foi dito sobre o fato de Chanel ser mais ousada que outras mulheres da época e querer ser livre, financeiramente, vem dessas vivências. Palavras que propagaram a independência feminina se fundiram à nossa maneira de pensar e agir. É por tal razão que, nas Referências, incluiremos obras de algumas autoras e autores que sem ter sido especificamente mencionados no artigo, muito nos ajudaram a produzir esse texto, pois, suas palavras foram por nós absorvidas e assimiladas.

Com o “caso Chanel” queremos também ilustrar o poder da determinação e a força da resiliência que, por vezes, pode ocorrer em quem sofreu muito. Há um ditado popular do interior do Brasil que diz: “A vida me deu um limão, dele fiz uma limonada”. Sempre o achamos curioso. Mas, lendo mais sobre o fenômeno da resiliência, lembramo-nos deste ditado. Outra explicação, também popular, para tal fenômeno está no subtítulo do livro de Cabral e Cyrulnik (2015): *Resiliência – como tirar leite de pedra*. Sim: o resiliente opera uma série de ações que o fazem “tirar leite da pedra”, metáfora para um recomeço de vida, na qual o indivíduo aproveita-se de sua experiência, apesar de ter passado por acontecimentos infelizes, em vez de ficar em um canto chorando e lamentando-se.

Expliquemos um pouco mais o fenômeno. Há alguns anos, começamos a nos interessar por pesquisas oriundas do neurologista António Damásio, pois, vimos que a prática de certos neurologistas poderia acrescentar algo novo à análise do discurso por nós praticada. Ao procurar publicações desse autor, em uma grande livraria de Paris, deparamo-nos com um livro intitulado *Un merveilleux malheur*. O título nos intrigou e nos levou a folheá-lo. Seu autor: o neuropsiquiatra Boris Cyrulnik.

Confessamos que o livro de Cyrulnik encaminhou-nos (e conosco a análise do discurso) para um mundo de saberes até então desconhecidos. O autor fez parte de nossa pesquisa que findou em fevereiro/2022 e ocupa um lugar importante na nova, iniciada em março/2022. Seus escritos têm nos ajudado muito, no caso das narrativas de vida, nosso objeto favorito de estudos. E, mais especificamente, nesse artigo, que tem como *corpus* o “caso Chanel”. Se formos analisar ou observar alguns de seus ditos quando criança, diremos, de antemão, que ela teve além de uma infância triste, uma adolescência e uma entrada na vida adulta nada fáceis. Felizmente, a garota soube lidar bem com suas enormes carências afetivas e, melhor ainda, com as financeiras: elas alavancaram seu sucesso, em um processo de resiliência. Chanel teve, sem dúvida alguma, tal fator a guiar seus movimentos para sobreviver e para alcançar, com sucesso, sua independência.

Já temos assim dois axiológicos de peso para definir Chanel: resiliente e transclasse. E, é lógico, talentosa. Sozinha, construiu um império. Se houve alguém que saltou de classe foi ela, uma mulher, de origem modesta, em uma época em que o sucesso feminino consistia em ter um marido ou um amante rico, brilhar na sociedade, ter muitas joias, levar uma vida ociosa...ora, Chanel desprezava a mesmice desse estado de coisas. Sem perder seu amor pelo sexo oposto, ela conseguiu, a duras penas, agir de modo diverso e vencer na vida, como mostraremos no próximo segmento.

## 2. Chanel: resiliente, talentosa e... transclasse

Como foi dito, iremos aqui abordar alguns trechos relativos à vida de Chanel, narrados por alguns de seus biógrafos supracitados. Curiosamente notamos que alguns fatos de sua vida receberam diferentes versões de um autor para outro. Por quê? Segundo Charaudeau (1992: 768-769) cada narrador tem uma identidade, um olhar, um ponto de vista sobre determinados fatos e pessoas. No caso dos biógrafos que aqui nos acompanham e contam a vida de Chanel, alguns são totalmente exteriores à história que narram e se a narram foi pelos conhecimentos que outros escritos, vindo de outros biógrafos lhe trouxeram. É lógico que em suas narrativas acrescentaram seu estilo, sua visão e também outras histórias sobre Chanel obtidas aqui e ali; outros escutaram realmente da voz de Chanel nas vezes em que ela se abriu com eles, foram seus conhecidos e mesmo amigos. Assim consignaram sua vida por escrito. Isso não significa que os primeiros tenham menos valor que os segundos. Normalmente, toda narrativa de vida, mesmo aquelas escritas pelo eu-que-se-narra contêm acontecimentos reais misturados a fatos fictícios ou melhor dizendo, imaginados. As lembranças são muitas vezes enganadoras ou melhor dizendo: ilusórias.

Essa é a razão da indecisão que sempre pairou sobre a vida de Chanel. Ela própria embelezava – não sem graça e inteligência - fatos importantes de seu passado tais como seu nascimento e o amor que recebeu de familiares, sobretudo de seu pai. Enquanto viveu, nunca mencionou que fora acolhida aos 12 anos pelas freiras de um convento-orfanato-escola da cidadezinha de Obazine. E que simplesmente, foi ali largada pelo pai, como se fosse um pacote inútil, junto com suas irmãs. Logo após a morte prematura da mãe de seus filhos, a primeira coisa que esse homem fez foi se desembaraçar de sua prole. Vendeu seus filhos homens a lavradores e largou suas filhas no convento. Nunca mais voltou (ao que parece) para visitá-las. No entanto, Chanel fantasiou tal realidade, por demais cruel. Ela gostava (apesar de tudo) do pai e o via como uma espécie de rei bondoso, que um dia voltaria para resgatá-la e dar-lhe uma vida feliz.

Chanel envolveu em uma delicada névoa a sua vida na infância e na juventude. Pode ter omitido suas origens, porém, o convento-orfanato-escola de Obazine e o internato (também em instituição mantida por freiras) até seus 18, 19 anos impregnaram algumas de suas ideias futuras, às que se revelaram na estética de algumas de suas criações no mundo da moda. A predominância das cores branco e preto. As golas redondas fechadas em torno do pescoço, de cor branca. A pureza das linhas dos chapéus e roupas por ela criados, em uma época em que para as mulheres, a moda significava apertar-se com espartilhos e colocar roupas pesadas com muitos babados, drapeados, tecidos brilhantes, anáguas, flores e penas dependuradas, decotes profundos para exhibir os seios...enfim, uma moda que deformava os corpos das mulheres, e mais que isso: as torturava, pois, limitava a liberdade de seus movimentos, seus passos e sua respiração. Chanel desprezava tudo isso e mostrou às mulheres uma outra concepção de moda, leve, solta, fluída. E, sobretudo, sem espartilhos! Sem amarras!

Embora a ficção acompanhe as lembranças que temos do passado, o que sempre nos chamou a atenção foi a maneira como Chanel a ela recorreu: inventou uma espécie de fábula para justificar um passado difícil de ser justificado perante os outros e, sobretudo, em ser assumido por si mesma. Só por meio de representações imaginárias, segundo os linguistas Charaudeau (2007) e Machado (2020-2021) alguém poderia falar das desastrosas experiências na saga familiar.

Para Cyrulnik (2005: 58) tal comportamento é perfeitamente justificável no caso de uma narrativa de vida, pois “as narrativas podem ser reais ou imaginárias, sem que percam nada de sua força como histórias. [...] Toda narrativa é uma ferramenta para construir o mundo”.

Por aí, é possível perceber nossa preferência pela narrativa de vida: nós a enxergamos como um relato que admite e aceita o mundo dos sonhos como parte integrante da imagem de *quem-se-conta*.

Há pouco afirmamos que Chanel cresceu em convento-orfanato-escola de Obazine. Não sabemos explicar como a tia de Chanel, Adrienne, ali residia também e tornou-se grande amiga de Gabrielle. Como ela, Adrienne era também revoltada contra a opressão do colégio e pela imposição a ela feita pela família de se casar com um escrivão. Assim, um dia, ela e Gabrielle resolveram escapar do convento pulando um muro. Sem dinheiro, em meio a uma tempestade, as duas jovens ficaram perdidas sem saber para onde iam. Voltaram ao convento. A madre superiora recusou-se a acolhê-las, depois da fuga. O que fazer? A solução veio de uma parente de Adrienne e de Gabrielle. Eis o que nos conta Henri Gidel, um dos escritores franceses que dedicou uma biografia a Chanel:

Então a tia de Brive encontrou uma solução: havia no Allier, na cidade de Moulins, uma instituição religiosa que gozava de excelente reputação. O Instituto Notre-Dame, que recebia, ao lado de alunas que podiam pagar, como Adrienne, outras desafortunadas, como Gabrielle. [...] O tempo que Gabrielle passou no pensionato Notre-Dame, entre seus 18 a 20 anos, pareceu-lhe uma eternidade. (Tradução nossa de Gidel 2000: 44)

Pelo que foi dito até agora, apesar de todo o tédio que acompanhou essa longa peregrinação de um convento para outro, foram as freiras que ensinaram a Chanel a arte da costura e o bom manejar de tesouras. De tudo resta um pouco, já dizia o poeta Drummond!

Ao deixar o pensionato em 1902, tanto Gabrielle quanto Adrienne encontram emprego em uma loja de enxovais, no coração de Moulins. A liberdade começava enfim a acenar para as duas jovens. Foi lá – e depois, na cidade de Vichy – que Gabrielle tentou uma carreira no *music-hall*, como cantora. Ela tinha um fio de voz, mas, muita graça e uma presença sedutora. Ainda que fosse considerada “magricela”, pois, a moda na época era favorável às mulheres gordinhas. Eis mais um ponto da modernidade de Gabrielle: ela “inventa” a esbelteza! E sempre a manteve, até o fim de sua vida.

Foi também ao tentar se iniciar na carreira de cantora que, por incluir em seu repertório uma canção popular chamada *Qui a vu Coco dans l’Trocadero* (canção que conta o desconsolo de uma jovem que tinha perdido seu cãozinho) com o refrão *Ko Ko Ri Ko*, que os jovens oficiais do quartel de Moulins deram-lhe o apelido de Coco. Esse apelido acabou por ser incorporado na vida de Chanel, uma vez modista e estilista em Paris: Coco Chanel. No entanto, ela criou uma outra origem para tal nome: era assim que seu pai a chamava.

O salto para a grande transformação de Chanel se deve a dois fatores: seu amor pelos cavalos e pelos homens. Foi assim que acabou conhecendo um *gentleman rider*, ou seja, um criador de cavalos e amante de corridas, Ettiéne Balsan. Sem pensar duas vezes, Chanel tornou-se sua amante e se mudou para sua casa ou castelo rural. Lá aprendeu a cavalgar muito bem. Não como as mulheres da época em uma sela especial que as obrigava a sentar de lado, mas como uma amazona, como um homem. Para tanto inventava trajes masculinos, sozinha ou com a ajuda de um modesto alfaiate do interior. Mais uma vez, sua modernidade via uma elegância despojada nos trajes masculinos e nas calças compridas. Eis uma boa transgressora dos costumes que se preparava para ser transclasse.

Finalizamos essa parte, lembrando que foi com Arthur (Boy) Capel<sup>10</sup>, amigo de Balsan, que Gabrielle Chanel deixou a casa deste para se instalar em um pequeno ateliê em Paris<sup>11</sup>. Balsan poderia ter lhe emprestado dinheiro para montar seu negócio (no princípio limitado a confecção de chapéus), mas, não o fez: entretanto, cedeu-lhe sua *garçonnière* em Paris, onde Chanel montou seu primeiro ateliê. Já Boy Capel, seu grande amor, ajudou-a financeiramente e ela pode se transferir para a rua Cambon. Mas, é preciso lembrar: assim que pode, Chanel fez questão de reembolsá-lo até o último centavo.

Iremos, a seguir, analisar alguns dos ditos de Chanel, servindo-nos daqueles transcritos nos livros das escritoras e escritores (já citados) que se interessaram por sua vida.

### 3. *Dixit Chanel: análise discursiva de alguns de seus enunciados*

Já famosa, para os amigos afortunados com quem saía, ela contava diferentes versões de sua infância, mas, ao mesmo tempo, fazia reflexões profundas sobre sua obra como estilista para alguns amigos, por exemplo, para Claude Delay e para Paul Morand. Aliás, o livro da primeira foi transformado, em 1983, em um filme (*Chanel solitaire*). Já o livro do segundo, *L'allure de Chanel* (1996), foi saudado pela crítica como uma pepita rara, um “livro de festa”, como se pode ler nos elogiosos comentários de sua contracapa.

Vejamos um dos ditos<sup>12</sup> de Chanel na obra de Morand, ou a versão transcrita de alguns de seus atos comunicativos<sup>13</sup>:

(i) Eu me pergunto qual a razão de ter entrado nessa profissão e o porquê de nela aparecer como uma figura revolucionária. Ora, não foi para criar o que me agradava, mas sim, antes de tudo, para fazer cair a moda da época, que não me agradava. Eu me servi de meu talento como se fosse um objeto explosivo. Tenho um espírito e um olhar profundamente críticos. “Tenho o justo e certo dom do desprezo”, como dizia Jules Renard. Tudo o que me entediava, eu tinha que varrer da memória, retirar de minha mente. E tinha também necessidade de melhorar o que já tinha feito e melhorar o que recebi de outros. Fui um instrumento do Destino, para realizar uma operação de limpeza necessária. (Tradução nossa de Chanel *apud* Morand 1996: 212)

---

10 Ainda hoje alguns se perguntam se o primeiro C da grife CC de Chanel, se referiria ao nome do homem que Chanel mais amou na vida, ou seja, Capel, que realmente confiou e investiu em seu talento, e não a Coco, apelido da estilista. Mas essa questão permanece em aberto até hoje, pelo que sabemos.

11 Evidentemente, os dois homens foram amantes da jovem Gabrielle.

12 Nesta seção, iremos numerar os enunciados contendo citações que se devem a voz de Chanel ou que fazem referências diretas à vida da estilista.

13 O modo de emprego desse termo vem da análise do discurso Semiolinguística, bem como todas as ocorrências da palavra “sujeito” (no singular ou plural) que aqui aparecem. No caso, são sujeitos linguageiros, que vivem no mundo da linguagem, da comunicação entre seres. Tratamos as pessoas reais de “indivíduos”.

Em (i) é possível notar o ardor criativo que dominava Chanel, quando se viu diante da moda da segunda década do século XX. Um ardor tão grande que lhe dava, no plano das emoções, uma sensação de raiva e, ao mesmo tempo, o sabor da vingança. “A ofensa chama a vingança”, diz Philippe Braud (2007: 343). Com sua moda inovadora e transgressiva, ao mesmo tempo em que Chanel construía novos cânones de elegância nos quais a mulher sentiria mais a liberdade de seu corpo, ela destruía a moda de uma época que lhe fora bastante ingrata: a de sua juventude, a de sua dependência financeira de Etienne Balsan e Boy Capel. E, por que não? - de sua dependência afetiva ao amor sempre negado de seu pai.

Ainda em Morand, no seu livro-testemunho da vida de uma mulher fora do comum:

(ii) Pois, de vez em quando eu me perco, no labirinto de minha lenda. Cada um de nós tem sua lenda, estúpida e maravilhosa. [...] Minha lenda repousa em dois pilares indestrutíveis: o primeiro, é que saí não se sabe de onde: do music-hall, da ópera ou do bordel; eu lamento, pois se fosse assim teria sido mais divertido; o segundo, é que eu sou o rei Midas. (*op. cit.* 1996: 26)

Não sabemos se Chanel disse textualmente tudo isso a Morand. Acreditamos mais que o escritor, em sua convivência com ela, observando-a e escutando-a tenha reunido certas frases soltas que ela enunciava aqui e ali. De todo modo, Morand foi fiel à impressão que Chanel lhe passou e muitos enunciados ou fatos transcritos pelo escritor constituíram – ao que parece - material para livros de outros autores que escreveram sobre a estilista francesa.

Como foi dito, orgulho ferido e vingança parecem ter sido motores que levaram Chanel a agir contra a corrente da época, como bom exemplo de sujeito transclasse. Sua arma de vingança: as tesouras, com as quais cortava tecidos e moldava vestidos nos corpos de suas manequins. Vestidos que depois seriam adquiridos por pessoas de classe alta.

A figura do pai todo poderoso, que poderá salvá-la em sua triste infância é muitas vezes, evocada por Chanel. Vejamos o excerto abaixo:

(iii)As minhas tias eram boas pessoas, mas desprovidas de qualquer ternura. Eu não era amada na casa delas. Não recebia nenhum afeto. Crianças sofrem com essas coisas. [...] E ter que ouvir as pessoas me chamarem de órfã! Elas tinham pena de mim. Não tinham por que sentir pena, eu tinha um pai. Isso era humilhante. Percebi que ninguém me amava e que cuidavam de mim por caridade. Havia visitas, muitas visitas. As pessoas perguntavam para minhas tias: “O pai da menina ainda manda dinheiro?” [...] Quando meu pai vinha me visitar, minhas tias se arrumavam. Ele era muito charmoso, e contava muitas histórias. “Não ouça o que minhas tias falam”, eu lhe dizia. “Estou infeliz, me leve embora.” (Chanel *apud* Picardie 2019: 26)

No curto excerto nota-se a carência afetiva de Gabrielle, em sua infância. Tal fato, sem dúvida, marcou a mulher Chanel: aparentemente, ela era muito forte, mas, na verdade, foi obrigada a se reconstruir para poder ser alguém respeitado no mundo ambicioso e cruel da moda francesa. Como disse Machado (2020: 224), havia muito “folclore” sobre a vida de Chanel, como ela mesma afirmava para alguns de seus amigos. Mas, temos que ressaltar um detalhe: ela nunca negou ter conhecido um belo cavaleiro, ou seja, Balsan, que seria seu amante. Porém, se ela repetia essa história a vários ouvintes, para cada um deles diminuía a idade que tinha na época dessa mudança

de vida. Aliás, Chanel sempre procurou diminuir sua idade, sobretudo após a morte de seu grande amor, Arthur Capel.

Machado (*op.cit.*: 57) lembra que Chanel, como narradora de vida, oscila muito ao falar de Capel para Paul Morand (1996). Assim, ora ela aparece como uma mulher livre, dona de sua vida, ora se mostra completamente submissa a ele. Seja como for, ela teve uma intensa ligação com Capel e eles viveram juntos em Paris (ainda que Capel se ausentasse de tempos em tempos) até a morte do rico *playboy*, oriunda de um acidente de carro.

Acreditamos que, no mundo fútil e social para o qual Chanel foi projetada ao tornar-se famosa – fruto de seu trabalho obstinado, repetimos – não era desonroso e sim elegante, mencionar a existência de amantes.

Sempre vimos Gabrielle Chanel como uma artista: ao crescer, ela procurou um modo de exprimir sua arte. O canto e a dança não deram certo. Aí ela se voltou para a confecção de chapéus e depois para os vestidos e calças compridas. A costura foi a “chave” que liberou sua criatividade, até então abafada, desdenhada.

Eis mais um trecho, no mínimo surpreendente, no qual ouvimos a voz de Chanel transcrita por Henry Gidel (2000) no livro que escreveu sobre a estilista:

(iv)Um dia [em viagem pela Itália com sua grande amiga Mísia, logo após a morte de Capel] Gabrielle foi pedir a santo Antonio de Padova, para não chorar mais...Ei-la na igreja, diante da estátua do santo. Vamos deixá-la contar com suas palavras o que lhe aconteceu:

“Um homem, na minha frente, encostava sua cabeça no ladrilho da igreja. Era uma figura tão triste e tão bela, havia nele tanta rigidez e tanta dor, essa cabeça tocando o chão exprimia uma enorme fadiga, tanto que um milagre se produziu em mim. “Eu sou um farrapo, eu disse para mim mesma. Que vergonha! Como ousou comparar minha tristeza de criança sem rumo, eu para quem a vida apenas começa, como ousou compará-la com essa aflição?” Uma energia nova logo me invadiu. Tomei coragem, decidida a viver.” (Tradução nossa de Gidel 2000: 159)

Foi a primeira vez – depois de sua saída do convento de Obazine - que lemos uma menção direta sobre Chanel e suas ligações com a religião católica. E sobre sua compaixão para com um estranho. Foi essa compaixão que reacendeu sua resiliência e a fez se reerguer. A morte do homem que a compreendeu, amou e ajudou a abrir não só a famosa loja da Rua Cambon, como também lojas em Deauville e depois em Biarritz (esta última no decorrer da 1ª. Guerra Mundial) a precipitaram na depressão. Depressão é um nome clínico atual. Na época, sua amiga Mísia dizia que ela tinha sido atingida pela “neurastenia”, antigo nome para esse mal. Seja como for, Chanel era uma criatura resiliente. Depois de um grande mal (a perda de Capel) graças à uma inesperada epifania, soube se reconstruir e tocar sua vida e carreira...até os 87 anos!

Compaixão: a vida não criou Chanel para ter compaixão dos outros, ela foi forjada para ser uma pessoa dura, uma mulher que precisava ganhar a vida. Mas, isso não significa que ela tenha deixado de lado as paixões ou emoções, bem próprias dos seres humanos, de modo geral. A compaixão é assim definida pelo cientista político Philippe Braud, autor estudioso de emoções:

Diante do sofrimento [de outro ser] a compaixão é a atitude menos discutível de todas. Emoção profundamente humana, desarma a crítica e triunfa sobre o sarcasmo. Ele enobrece quem

a demonstra, desperta um frescor de sentimentos, balança a distinção de classes, de castas ou de papéis. (Tradução nossa de Braud 2007: 41)

É curioso que Chanel pense que um milagre lhe aconteceu e o tenha revelado a outras pessoas. Isso significa que ela não havia renegado a formação católica recebida em sua infância e adolescência, apesar de ser sempre sido transgressiva e insolente perante as freiras do convento.

Novamente chamamos a atenção para presença de imaginários sóciodiscursivos em Chanel, nos enunciados ou grupo de enunciados (ii) e (iv). Para tanto, lembramos que Charaudeau (2007: 49-63), foi o primeiro linguista a introduzir tal conceito na análise do discurso. Segundo tradução nossa, ele afirma (2007: 52) “[...] O mais importante dentro de uma corrente de análise do discurso é observar em que medida um conceito nascido e desenvolvido em determinada disciplina pode ser reutilizado e redefinido em uma outra”. Essa explicação se impõe já que Charaudeau se inspirou em outros teóricos, da sociologia e da antropologia para reformular tal conceito, tornando-o operacional para a análise do discurso. A diferença oferecida nessa apropriação pela teoria Semiolinguística está no fato de que o analista do discurso não irá tomar tal noção como conceito, mas sim como um

[...] mecanismo de construção do sentido que molda, formata a realidade em um real significante, engendrando formas de conhecimento da “realidade social”. Nesta perspectiva, as representações sociais não são um conjunto de imaginários ou de ideologias como alguns propõem, mas sim um mecanismo capaz de gerar saberes e imaginários [...] (*op.cit.*)

Desse modo, a mecânica das representações sociais uma vez adotada pela análise do discurso, criará “saberes” que podem ser divididos em saberes de conhecimento e de crença. Interessam-nos aqui, especialmente os saberes de crença, o modo pelo qual certas pessoas ou grupos de pessoas observam o mundo, buscando em algo sobrenatural explicações para os acontecimentos bons ou maus da existência do ser humano, em sua passagem pela terra.

Vem daí uma interessante operação conhecida como simbolização do mundo pela análise do discurso charaudiana. Quando assimilada por um grupo, tal simbolização entra para a memória coletiva. O imaginário possui uma dupla função, ou seja, a de criar valores e explicar o porquê dessa criação.

Nas citações (ii) e (iv) sobre Chanel, acima transcritas, podemos verificar a presença desses imaginários de crenças, atuando sobre Chanel. Em (ii), notamos a presença das palavras “labirinto” e “rei Midas” oriundas da mitologia grega<sup>14</sup>.

Ora, ao citar tais personagens míticos, Chanel revela uma parte sua, habitada por fantasias (o que, convenhamos, é normal, em todo artista criador), e, ao mesmo tempo, uma parte impregnada de cultura. Que ela a tenha adquirido graças à sua paixão pela leitura ou pelo convívio com intelectuais, como por exemplo Cocteau, Reverdy, entre outros, pouco importa. Na referida citação ela assume o imaginário do mito grego. E, assim fazendo, dá lugar para a entrada de antigas cren-

---

14 Segundo a mitologia grega, o dédalo ou labirinto foi construído por ordem do rei Midas, para ali colocar seu filho Minotauro, meio homem, meio touro.

ças, antigas divindades pagãs... Foi ela também, segundo Morand (*op.cit.*: 212) que teria dito, ao mencionar o caráter inovador e francamente anarquista que imprimiu na moda francesa: “Eu fui um instrumento do Destino, ao realizar, na moda, uma operação de limpeza necessária”. Tanto a evocação de Midas como a do Destino levam-nos para um universo de imaginários de crenças, no caso, pertencentes a memória coletiva de uma parte do mundo.

Já no caso da citação de número (iv) o emprego da palavra “milagre” aparece como uma concretização da assimilação da ideologia cristã que, quer ela quisesse ou não, lhe foi passada pelas freiras com as quais viveu por 20 anos. Essa formação ideológica sempre foi dominante nos países de língua latina, entre os quais, a França. Há toda uma história de cruzadas e guerras de religião, igrejas católicas e monumentos que perpassam a história da França. A jovem Gabrielle Chanel entrou, de bom ou mau grado, em um mundo dominado pela religião católica.

Temos, pois, na citação (iv) mais um argumento em favor do conceito de imaginário sóciodiscursivo, segundo Charaudeau (*ib.*). Em seu mundo de crenças, eis Chanel adepta de uma das mais fortes no âmbito coletivo e que continua ainda em vigor: a ideologia cristã.

Assim foi Gabrielle ou Coco Chanel. Metade menina frágil, órfã criada em um orfanato, capaz de se comover quando menos se esperava, com medo de fantasmas a vida toda - colocava espigas de trigo em todos os cômodos de seu apartamento e mesmo de seu ateliê para espantá-los, como confiou a Claude Delay em 1971, confissão esta transposta para o livro *Chanel Solitaire* ([1971]1983) da escritora -, metade mulher forte, talentosa, criadora de um estilo que até hoje existe. Mesmo após sua morte, tal estilo permanece com seu toque único, seja nos casaquinhos, nas pérolas, nas camélias que amava tanto, nas bolsas onde triunfa seu logotipo (duas letras C entrelaçadas), seja no seu enigmático e sempre moderno perfume, o famoso *Chanel número 5*.

## Considerações finais

No artigo vimos apenas algumas partes da longa existência de Chanel, de seus ditos ferinos e irônicos, tantas vezes imbuídos do desejo de vingança ou desforra sobre os grandes que massacraram a jovem Gabrielle, mas também notamos enunciados, por vezes, inocentes e infantis.

Concluindo: os estudos sobre narrativas de vida de sujeitos transclasses mostram como o ser humano procura se localizar na vida, os sonhos que tece e como encontra uma forma de existência nas lembranças que, mesmo não sendo de todo reais, são parte importante de suas reflexões, de sua vontade de escapar de um estado de coisas que não se encaixa com seu “eu” profundo. Tais estudos sinalizam, pois, o difícil trabalho que envolve a formação de uma identidade. Aliás, a identidade é uma operação dialógica realizada pelo “eu” em seu confronto com os outros. Ela se constrói, como diria Charaudeau (1992), em um processo de alteridade.

Insistimos em relatar, ao longo do texto, que as palavras de Chanel, citadas por escritores diversos, envolveram os olhares e julgamentos destes. Como diria Bakhtin (1970), disso resultaram palavras bivocais, pois, mesmo quando tais escritores tentaram reproduzir palavras de Chanel, elas se fundiram às vozes de quem as divulgou e transcreveu.

Enfim, a carga que trouxe tanto do clã familiar como dos amores fracassados perseguiu Chanel a vida toda, ainda que ela tentasse dar à sua vida um peso mais leve que o da dura realidade. E, de certo modo, o conseguiu!

O que podemos dizer diante disso? Simplesmente que vale a pena deixarmos sempre uma parte de nós aberta aos sonhos.

Enfim, esperamos que os excertos da narrativa de vida de Chanel, aqui transcritos, possam figurar como testemunhos das emoções, medos e, sobretudo, da audácia e resiliência dessa transclasse.

### Referências bibliográficas

- ADLER, L. 2017. *Dictionnaire des femmes*. Paris: Stock
- AMOSSY, R. 2006. *L'argumentation dans le discours*. Paris : Armand Colin.
- ANGENOT, M. 1980. *La parole pamphlétaire. Typologie des discours modernes*. Paris: Payot.
- BAKTINE, M. 1970. *La poétique de Dostoïevski*. Paris: Seuil.
- BARROS, D.L.P. 2009. Linguagem popular e oralidade: efeitos de sentido nos discursos. Em: P. Bourdieu e J-C Passeron. 1964. *Les héretiers*. Paris : Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J.-C. 1970. *La reproduction*. Paris : Éditions de Minuit.
- BOYER, P. 1988. *L'écrit comme enjeu. Principe de scriptio et principe d'écriture dans la communication sociale*. Paris: Didier.
- BRAUD, P. 2007. *Petit traité des émotions, sentiments et passions politiques*. Paris: Armand Colin.
- BRUNER, J. 2002. *Pourquoi nous racontons-nous des histoires ? Le récit au fondement de la culture et de l'identité individuelle*. Paris: Pocket.
- CABRAL, S. e CYRULNIK, B. 2015. *Resiliência. Como tirar leite de pedra*. São Paulo: Casapsi Editora.
- CHARAUDEAU, P. 1983. *Langage et discours*. Paris: Hachette.
- CHARAUDEAU, P. 2007. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. Em H. Boyer (dir.) *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnement ordinaire et mises en scène*. Paris : L'Harmattan.
- CHARAUDEAU, P. 2009. Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière. Em P. Charaudeau. (dir.) *Identités sociales et discursives du sujet parlant*. Paris: L'Harmattan.
- CHARAUDEAU, P. 1992. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.
- CHARAUDEAU, P. 2016. *A conquista da opinião pública*. São Paulo: Ed. Contexto.
- COJEAN, A. 2018, 2019. « *Je ne serais pas arrivée là si...* » *30 femmes racontent*. Paris : Grasset & Fasquelle.
- CYRULNIK, B. 2002. *Un merveilleux malheur*. Paris: Odile Jacob.
- CYRULNIK, B. 2005. *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fonte.
- DAMÁSIO, A. [1999] 2020. *O mistério da consciência*. Companhia das Letras: São Paulo.

- DELAY, C. 1983. *Chanel solitaire*. Paris: Gallimard.
- DUBY, G.; PERROT, M. (dir.) 1991-1992. *L'Histoire des femmes en Occident*, 5 vol., Paris: Plon.
- FOURNIER, M. (dir.) 2018. *Histoires de pionnières*. Paris: Sciences Humaines Éditions.
- GIDEL, H. 2000. *Coco Chanel*. Paris: Éditions Flammarion.
- GUENO, J.-P. 2007 (dir.) *Paroles de femmes. La liberté du regard*. Paris: Libro 848.
- HERITIER, F. 1996. *Masculin/féminin, la pensée da la différence*. Paris: Odile Jacob.
- JAQUET, C. 2015. *Les transclasses ou la non-reproduction*. Paris: P.U.F.
- MACHADO, I. L. 2020. *Narrativas de vida. Saga familiar & sujeitos transclasses*. Coimbra: Grácio Editora.
- MACHADO, I. L. 2001. Uma teoria de análise do discurso: a Semiologia. Em H. Mari *et al. Análise do discurso: fundamentos e práticas*, pp.39-62. Belo Horizonte: Coleção NAD/FALE/UFMG,
- MACHADO, I.L. 2018. *Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. Coimbra: Grácio Editor.
- MACHADO, I.L., FIGUEIREDO, A., GUIMARÃES, M. (org.). 2022. *Narrativas de vida de mulheres transclasses*. Coimbra: Grácio Editora.
- MONNERAT, R.S. M. 2010. A felicidade do homem é: eu quero; a felicidade da mulher é: ele quer. Machismo/feminismo: visões do mundo e a construção de identidades. Em I. L. Machado e R. Mello (org.) *Análises do Discurso Hoje*, volume 3, pp. 241-261. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna).
- MORAND, P. 1996. *L'Allure de Chanel*. Paris: Gallimard.
- PAULIUKONIS, M. A. L. 2010. Ethos no discurso didático: coerência e plurissignificação. Em I. L. Machado e R. Mello. (org.) *Análises do Discurso Hoje*, volume 3, pp.261-275. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna).
- PICARDIE, J. 2011. *Coco Chanel. A vida e a lenda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- PRETI, D. (org.) *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, p. 41-72.
- SALMON, C. 2007. *Storytelling, la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. Paris : Éditions La Découverte.

**IDA LUCIA MACHADO** é Doutora ès Lettres por Toulouse II (França) tem dois pós-doutorados realizados em Paris XIII e Paris III em Análise do Discurso (AD). Professora de AD do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras de Minas Gerais (Brasil), na qual ministra cursos e orienta mestrados e doutorandos. Suas pesquisas têm por base a AD semiolinguística, e as mais recentes concentram-se em narrativas de vida, sujeitos narradores transclasses, saga familiar e resiliência. É Bolsista 1D de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Correo electrónico: [idaluz@hotmail.fr](mailto:idaluz@hotmail.fr)